

ELSINORE

**ESTHER
KINSKY**

ROMBO

O tradutor agradece o generoso apoio ao trabalho de tradução desta obra prestado pelo Auswärtiges Amt (Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha), bem como pela permanência no Europäisches Übersetzer-Kollegium (EÜK – Centro Europeu de Tradutores), em Straelen.

O leitor encontrará no final do volume notas de tradução referentes a algumas passagens da obra.

*Finito questo, la buia campagna
tremò sì forte, che dello spavento
la mente di sudore ancor mi bagna.
La terra lagrimosa diede vento,
che balenò una luce vermiglia
la qual mi vinse ciascun sentimento*

DANTE ALIGHIERI, *LA COMMEDIA*,
INFERNO, CANTO III, V. 130–135.

Unbeknownst to me at the time, I just wanted to be seen.

C. FAUSTO CABRERA, *THE PARAMETERS OF OUR CAGE*

Um dos poucos fenômenos que quase sempre acompanham os tremores de terra e que com frequência e muito pouca antecedência os anunciam consiste num singular ruído subterrâneo cuja natureza aparenta ser sempre a mesma em quase todos os lugares a propósito dos quais é referido. Tal ruído compõe-se do ribombante troar de uma sucessão de pequenas explosões que entre si se relacionam, sendo com frequência comparado ao ribombar do trovão ou, quando se manifesta com menor intensidade, ao matraquear de muitas carruagens que avancem apressadamente sobre pavimento empedrado. [...] No Peru, a intensidade deste peculiar som parece ter relação direta com a intensidade dos abalos que se seguirão; o mesmo se relata a respeito da Calábria, onde este temido fenômeno leva o nome de *il rombo*.

FRIEDRICH HOFFMANN, *GESCHICHTE DER GEOGNOSIE UND SCHILDERUNG DER VULKANISCHEN ERSCHEINUNGEN* [HISTÓRIA DA GEOGNOSIA E DESCRIÇÃO DOS FENÓMENOS VULCÂNICOS], 1838, p. 328.

Paisagem

Em redor, uma paisagem de moreias glaciárias que se vão atenuando. Colinas suaves, campos, turfeiras em depressões do terreno mais isoladas; saliências cársticas dispersas, escavadas na pedra calcária, com pequenos bosques de carvalhos, castanheiros; ervas aguçadas e de caule estreito a crescer em cumeadas que se fazem passar por mais montanhosas do que na realidade são. Ainda assim, tais cumes proporcionam uma vista sobre o terreno colinoso, sobre os cimos desses outeiros, enfeitados com igrejas e aldeias, aqui e ali com uma ruína acastelada, que na realidade, porém, mais não é que desmoronado sobejo da Primeira Guerra Mundial. A paisagem deve o seu encanto a uma tremenda deslocação de materiais, glaciares, rochas, uma massa que logrou chegar até este lugar, inevitavelmente acompanhada de um ruído que suplanta em muito o retumbar de um *rombo*. Nada de «preludial fragor», como se lhe chamava há duzentos anos, mas sim um incessante bramido, à altura do qual ouvido humano algum estaria.

Rumo a sul, as colinas entregam-se à planura, à vastidão do céu, à franqueza do mar. Gigantescos milheirais, cinturas industriais, autoestradas, saibreiras na margem dos rios que desaguam no Adriático. Piave, Tagliamento, Isonzo, cada um desses rios transporta o seu quinhão dos Alpes, rochas

metamórficas dolomíticas, conglomerados pré-alpinos. E os calcários cársicos ao longo desse último rio cujo branco é até hoje atribuído às numerosas ossadas dos soldados tombados na frente de Isonzo. Em dias claros, consegue-se avistar o mar dos topos dessas colinas, a laguna de Grado salpicada de tufo de ilhas, os angulosos hotéis das estâncias balneares a parecer dentes afiados e desiguais, fincados no horizonte.

O rio que determina esta região marcada por pequenos montes é o Tagliamento. Um curso de água bravio, segundo se diz, se bem que, fora as poucas semanas em que por ali rasgam as águas do degelo e das chuvas torrenciais, a bravura dê antes lugar ao vazio, ao gigantismo do irregular leito fluvial de pedra, à arbitrariedade dos escassos regatos, que sempre andam em busca de novos caminhos para percorrer. Saído das montanhas, à entrada na paisagem de moreias glaciárias, no seu percurso para leste o rio descreve uma viragem para sul e, hesitante, recebe o Fella, vindo de norte, ambos irresolutos, turquesa e azul; essa indecisão fez surgir um enorme campo triangular de seixos e cascalho que separa os Alpes Cárnicos dos Alpes Julianos, uma superfície clara, como um ferimento, um espaço de hesitação com os vales montanhosos como pano de fundo, diante de zonas ermas com as suas próprias línguas, embotadas por um uso cada vez mais diminuto, com as suas canções estridentes e desajeitadas, e as suas danças complicadas.

Os cemitérios das aldeias nestas terras de colinas ficam nos seus próprios topos, pequenos e isolados, com igrejinhas e vista para norte, para as montanhas, para o entalhe do vale do Tagliamento, a estreita passagem do vale do Fella, ao longo do qual os romanos avançaram para norte e os celtas para sul. Para noroeste ficam os Alpes Cárnicos, fissurados picos diante de cadeias de montes pré-alpinos, um livro ilustrado

das pressões tremendas que tiveram de ser exercidas para a formação desta cordilheira. Esse livro ilustrado situa-se precisamente na instável sobreposição de duas placas continentais que, tal como estão, não se dão bem. A sua má disposição irradia para leste, para os vales montanhosos da *Italia slava* e até às encantadoras terras de colinas a norte da faixa costeira.

Apontando a nordeste, o olhar dirige-se para os Pré-Alpes e os Alpes Julianos, para a barreira do monte Musi, que consoante a luz e a clareza da visibilidade se apresenta ora cinzento, ora azul, ora violeta, ora laranja. Qualquer que seja a luz a que os vejam, os declives são íngremes, a parede é negra, impossível de subir, intransponível, sobrepujada a leste pelo cume de um monte, branco da neve ou do calcário, o Canin, espécie de dente gasto a marcar a fronteira, para lá de um vale.

Duas zonas enfrentam-se diante da cadeia montanhosa, uma de clima continental, o da outra, mediterrânico, os ventos, precipitações e temperaturas de dois campos migratórios, um terra adentro, outro rumo ao mar. Trovoadas, borrascas, cheias e sismos que incessantemente vão lapidando os vestígios das movimentações humanas que percorrem esta região, resquícios que, por mais alisados pela fricção, nunca se deixam apagar. O céu vozeia o seu humor tenebroso, o *rombo* anda sempre por perto.

Tremor

O tremor de terra está por todo o lado. Nas ruínas de casas caídas e entretanto cobertas de hera, à beira da Estrada Estatal 13, nas fissuras e cicatrizes dos grandes edifícios, nas lápides estaladas das sepulturas, no desalinho das catedrais reconstruídas,

no emaranhado de ruelas vazias das velhas aldeias dispostas como favos de colmeias, nas urbanizações e casas novas e feiosas cujo aspeto se guia pelo dos ansiados subúrbios das séries televisivas americanas. É no meio do campo que se erguem essas casas novas, com frequência mais não têm do que um piso, importa é que não seja muito o que venha a cair sobre as cabeças, caso volte a... Como aconteceu naquele ano do terramoto, 1976. Já se passou há metade de uma vida, ou até mais, mas a tinta com que ficou inscrito nas memórias das pessoas não empalidece, vai sempre sendo retocada pela recordação, pelas conversas acerca de todos os ondes e os comos, acerca da procura por refúgio, dos medos, do ficar à escuta de novo ribombar, no interior de garagens, ao ar livre, todos amontoados no *Fiat* da família, sob os escombros, no meio dos mortos, com um gato nos braços. Com todas as imagens evocadas, poder-se-ia pavimentar a distância inteira daqui, do cemitério com vista para norte, até à cadeia azul-lilás, distante e desenhada a traços grosseiros, do monte Musi, mais propriamente monte do Focinho ou da Cara do que monte das Musas, pontas aguçadas em torno de um focinho, em que se destaca o colmilho que é o monte Canin.¹ Uma pauta de caligrafia em que tudo se soletraria aos altos e baixos. No fim desse percurso, o caminhante deparar-se-ia porventura com um caminho que, inesperadamente, fora sendo aberto pelo uso até à cumeada; daí se poderia espreitar para o vale aos pés do monte Canin, um pequeno vale fluvial que formaria um ângulo reto em relação ao percurso calcetado com imagens que recordam o tremor de terra. Para um tal dia, seria desejável uma completa calmaria, uma solene cessação do vento que permitisse deambular ao longo desse evocativo trajeto de imagens, a interpretá-las.

Contudo, o dia está ventoso. Mesmo junto a um muro com vista para os montes que, sob aquela luz sem sombras,

parecem uma folha de papel amachucada e reaberta, ao lado de uma lápide lisa e branca, selada com cimento, sobre a qual repousa uma coroa de flores de plástico já empalidecidas, está um homem de estatura baixa, cabelo encanecido e dentes estragados, a falar ao telefone. Descreve a sepultura, sublinha que se encontra limpa e em ordem, pronuncia devagar os nomes lá inscritos e não deixa de mencionar a grinalda, sem no entanto referir a palidez das flores, até por fim, como que em resposta à voz do outro lado da ligação, dizer: «A recordação é um bicho de muitas bocas, cada uma delas a ladrar.»

Anselmo

O homem pequeno com os cabelos brancos e os dentes estragados chama-se Anselmo. Trabalha nos serviços da autarquia e anda sempre por ali, no cemitério, a oferecer os seus préstimos. Há sempre muito que fazer, a camada de terra assente sobre a base rochosa do monte é fina e a quantidade de sepulturas limitada. Os columbários foram ampliados, as covas aplanadas, as ossadas transferidas para o ossário, as árvores podadas ou deitadas abaixo, a estabilidade das lápides e pedras tumulares verificada. Anselmo conhece bem o lugar. Sabe onde as sepulturas abateram, quais os danos que poderão surgir nas lápides e quais as pedras que ali, em caso de um tremor de terra, estarão mais a salvo. Desaconselha a construção de mausoléus, apontando para as fissuras nas paredes dos jazigos de família mais sumptuosos. Gosta de se envolver em conversas com quem visita o cemitério e oferece os seus serviços aos familiares do falecido, propondo-se como pessoa de confiança.

O cemitério é paragem recomendada para caminhantes e ciclistas, já que na face de um dos seus muros, o que está virado a noroeste, foi instalado um quadro panorâmico comprido em que se pode ler o nome de cada um dos cumes em redor. A meia-lua formada pelos picos e cumeadas, que envolvem a paisagem de moreias glaciárias a leste, norte e oeste como um abraço montanhoso, surge representada como uma cadeia linear diante dos olhos dos observadores, que começam por ter de se habituar a esta distorção da paisagem e fazem os olhares deambular continuamente entre a representação e as montanhas mais adiante. Vão passando as pontas dos dedos pelos cumes do quadro panorâmico, como se aí conseguissem tatear e ficar a conhecer a sua natureza. Também destes turistas gosta Anselmo de se aproximar e explicar a paisagem. Dirige sempre os olhares para o monte Canin e para o seu cimo, nevado até à primavera, e refere que cresceu à sombra daquela elevação. Quando o cume se apresenta coberto de nuvens, Anselmo declara: «Hoje, ele não quer mostrar-se. É frequente fazer isso. Só se mostra quando quer. É muito temperamental, o Canin.»

6 de maio

Na manhã de 6 de maio, deposita-se por breves instantes uma luz rosada sobre o que resta de neve no cume do monte Canin. Luz que não tardará a empalidecer, pois o céu encoberto tapa o Sol. Nessa manhã do início de maio, as encostas do vale permanecem em silêncio, brancas do calcário, verdes das faias e dos arbustos de aveleira, cinzento-prateadas dos eleagnos junto à margem. O calor espalha-se sob a esparsa camada de nuvens.



Olga sai de casa cedo, desce a estrada para apanhar o autocarro. Interrogada mais tarde, irá dizer: «Naquela manhã, quando desci os degraus em direção à estrada, vi uma serpente, uma *carbon*, das que de resto costumam andar mais junto ao rio e não mais acima, pela aldeia. Estava parada em cima de um muro, como se estivesse a apanhar banhos de sol, parecia um bastão preto. No entanto, embora estivesse quente, nem sequer se via o Sol. O cuco cantava sem cessar, logo de manhã. Lembro-me muito bem disso tudo: do cuco, da serpente e de todas as histórias que sobre ela são contadas.»



Durante a tarde, Anselmo ajuda na ceifa. Ainda é cedo no ano para começar a segadura. Irá recordar-se dessa quinta-feira. «Ainda me lembro perfeitamente», dirá ele. «Na quinta-feira, viemos da escola mais cedo. Sei que estava calor e que, depois do almoço, tivemos, a minha irmã e eu, de ir até ao prado, lá em baixo, na encosta, para ajudar na primeira sega. A erva já estava alta.»

Durante o dia, o Sol é um buraco ofuscante por entre as nuvens, a queimar as nucas das crianças até ficar a doer. Os grilos estridulam, emitem sons penetrantes e bruscos, como se tivessem pressa. A avó corta a erva com a gadanha. Está já a transpirar, pois a erva é pesada e a lâmina da foice vai embotando com mais frequência do que é costume, tendo por isso de ser afiada. As crianças apressam-se a fazer a recolha com o ancinho e a empilhar. «Vá, andem com isso!», vai-se ouvindo a avó repetir amiúde. «Despachem-se!»

Anselmo irá lembrar-se de que a idosa usava um tom zangado com eles, ainda crianças, pela sua lentidão; mostrava-se também zangada com a erva, por levar a crer que estava seca e cerdosa, mas apesar disso deixar a gadanha romba, como se estivesse molhada. A pedra de afiar embate na lâmina e, quase parecendo que o ar engole o som, não se ouve qualquer eco. «E, no entanto», irá Anselmo relatar mais tarde, «conseguíamos ouvir o canto do verdilhão da nossa vizinha, que chegava até nós, mais acima, no prado.»

«Grita que se farta, como se houvesse incêndio», diz o homem que ceifa o campo junto ao deles. Toma balanço com a gadanha, golpeia os caules e a erva cai sobre a terra. Tem, ainda assim, de introduzir pausas para afiar a lâmina com a mesma frequência a que a avó de Anselmo se vê obrigada a fazê-lo.



No dia 6 de maio, a neve cintila no cimo do monte, atravessando a luz matinal sem quaisquer sombras. À mínima ação mecânica, poderão aquelas extensões nevadas deslizar rapidamente e precipitar-se sobre o vale. Um caminhante irrefletido ou um desabamento de pedras é quanto basta. Porém, nesta altura do ano ninguém anda lá em cima, pelos montes.



A serpente que Olga vê de manhã em cima do muro é preta como o carvão. Dá-se bem com a humidade. Vive na água e em terra, e não é venenosa. Aquando do acasalamento, na primavera, o macho e a fêmea enleiam-se, formando uma espécie de trança

enrolada. Quando receiam ser perturbados, fecham-se, assim entrelaçados, num anel que, ao ser tocado por alguém de fora, é capaz de descarregar corrente elétrica. Depois do acasalamento, as duas *carbon* permanecem juntas até a morte as apartar.



Lina sente-se enervada nessa manhã. O canto do lugre na gaiola soa a um lamento. O irmão anda à procura de trabalho, mas ela sabe que ele não irá encontrar nada. Porém, serão outras as impressões que lhe ficarão na memória.

«O que ainda me lembro do 6 de maio», começará ela a relatar mais tarde, como quem estivesse a escrever uma composição na escola. «Uma vez que o tempo estava tão quente, andávamos naquele dia já a fazer a amontoa das batateiras, ainda me lembro disso. Escutámos gaviões, os sons breves e agudos com que se chamam uns aos outros, era acerca disso que conversávamos. Éramos três ali no meio do campo. O meu irmão tinha regressado havia pouco do estrangeiro. Gostava sempre de contar coisas que metessem medo. Nesse dia, falou de uma serpente que tinha sido atropelada diante da aldeia. Fora isso que ele vira. Caso se tratasse de uma fêmea que ainda não tivesse posto os ovos, seria um mau agouro, disse ele. A serpente macho iria depois andar a rastejar pela aldeia, à procura do culpado. “Foi de certeza o condutor do autocarro”, disse ele. Conheço o motorista, já então o conhecia. Não mora na nossa aldeia. Depois da viagem do meio-dia, ele estaciona sempre diante do cemitério e faz um lanche. Ao ouvir a história do meu irmão, perguntei a mim mesma de que maneira conseguiria uma serpente achar o motorista de um autocarro. Enquanto trabalhávamos, veio de repente um vento frio, foi coisa muito

breve. “Esse vento vem da neve que está lá em cima”, disse o meu irmão. “A neve e este calor não combinam, não se dão bem.”»



A 6 de maio, o céu apresenta-se coberto por uma fina camada branca de nuvens, fazendo com que os raios de sol, através de múltiplas refrações nas gotículas ínfimas de névoa, se tornem particularmente intensos. Pelo meio-dia, ocorre um fenómeno estranho. Um duplo reflexo leva a que, durante alguns instantes, surjam dois sóis pálidos diretamente por cima do cume nevado do Canin, olhos nos olhos com o próprio Sol, que, nevoento, cintila sobre o vale. Esses sóis duplicados não tardam a desvanecer-se.



Nos prados, crescem já as eufórbias, as centáureas, as silenáceas; nas beiras dos caminhos, as búgulas azuladas. E a erva-traqueira, de um rosa-pálido, a que aqui dão o nome de *sclopit*. A flor consiste, genericamente, numa bolsa globosa. As crianças colhem essas flores e pressionam-nas contra as costas de uma das mãos, fechada em punho, de modo que esta rebente e produza dois breves estalidos, que soam como «sco-pit». A flor leva o nome do som dessa flor quando rebenta. Colhe-se as folhas da *sclopit* antes da floração, que são estreitas e bicudas, e possuem um verde-claro algo baço. Toda a gente conhece lugares onde a *sclopit* cresce, algumas pessoas revelam-nos, outras guardam-nos para si.

No dia 6 de maio, Mara vai colher *sclopit*. Antes de sair, tem de deixar a mãe, que já quase se esqueceu do mundo em redor,

fechada em casa. Esta costuma submeter-se tranquilamente, mas nessa manhã fica a gritar do outro lado da porta trancada, como se fosse a própria vida que estivesse em perigo. Mara sobe o monte a correr, para longe dos gritos. Mais tarde, quando se fala do dia 6 de maio, não refere o facto de a mãe ter gritado: «Cheguei a um prado, na orla da floresta, situado acima de uma encosta íngreme, que estava repleto de *sclopit*, mas ainda sem as flores», relatará depois. «De entre os abetos, ouvia-se o chamamento dos gaios. Enchi o meu lenço, até já mal conseguir atá-lo para guardar a *sclopit*. Quando cheguei a casa, já ela estava murcha, desinflada, como se alguém se tivesse sentado em cima dela. Cheirava a erva cortada. Ouvei uma criança a berrar e assustei-me. E entretanto caiu a noite.»



Na tarde de 6 de maio, o céu acima da cumeada, na direção de sudoeste, tinge-se de azul-acinzentado, escurece como se de lá viesse um temporal, coisa que só raramente acontece. Este aparente muro de nuvens mantém-se parado durante algum tempo, mas depois desfaz-se, o Sol brilha, branco, ofuscante e grande, no meio do céu. Mais abaixo, a superfície nevada que está virada para o vale encontra-se mergulhada numa cor amarelenta que sugere trovoadas.



Há quem de noite despeje leite em discos de madeira côncavos que deixa diante da porta de casa, destinado às serpentes negras. Segundo consta, de manhã o prato está sempre vazio. Isso traz sorte. A *carbon* é uma serpente esperta. Uma lenda refere

como, certa vez, um gavião apanhou uma *carbon*. Segurou-a nas suas garras enquanto voava, levou-a para o seu ninho, mas, antes de se dar conta, já a jovem serpente lhe engolira os ovos que ele lá tinha. «Devolvo-tos se me voltares a pôr onde me apanhaste», propôs a serpente. O gavião prometeu que assim seria, ela regurgitou e devolveu-lhe os ovos. A seguir, o gavião transportou a serpente de volta e, desde então, naquele vale os gaviões já não atacam as serpentes.



No vale, há quem crie cabras, ao passo que outros, mais ricos, têm uma vaca ou duas. Os currais não são grandes. A família de Gigi sempre teve cabras. «Sei qualquer coisa sobre lenha e sobre cabras, nada mais», declara ele. «Sei rachar a lenha e sei mungir as cabras.»

A 6 de maio, ao início da tarde, Gigi regressa a casa do trabalho que realizou na floresta. Ainda que não brilhe, o sol queima. Ao passar junto ao cemitério, onde não se vê uma sombra que seja, está a transpirar. Vê uma serpente na estrada, atropelada. Uma *carbon*. Jaz espalmada, negra, envolta numa poça de sangue. Há moscas pousadas nesse sangue. Da orla da floresta, o cuco chama. Gigi ainda se lembra de que as cabras se mostraram obstinadas. O pelo delas parecia pegajoso. Estava bastante calor. Naqueles dias, as pessoas perguntavam-se quando iria o Canin largar a neve que lá continuava retida. «Quando me despachei da primeira cabra, a segunda não queria vir», recorda. «Nunca antes isso acontecera. Ela estava assim de viés, atrás do carro de mão. Tal como a via, atrás daquilo, era como se a cabeça e as pernas não pertencessem ao mesmo corpo. Ali perto, um pássaro qualquer na sua gaiola assobiava tão alto

que quase o leite coalhava. Na aldeia, a canzoada inteira ladrava. Depois da ordenha, as duas cabras queriam era recolher-se atrás do carro de mão. E ali ficaram, muito quietas. Já começava a escurecer. O leite cheirava a azedo.»



No fim da tarde do dia 6 de maio, uma sombra negra espalha-se sobre o cimo do Canin e pelas extensões nevadas que ainda lá permanecem, onde fica pousada como a palma de uma mão. Seguem-se breves rajadas de um vento frio, pelo que a sombra desaparece, como se essa mão fosse recolhida.



«Porque hei de eu lembrar isso?», pergunta Toni. «Preferiria esquecer-me de tudo.» «Ah, Toni! Conta lá qualquer coisa», incentivam as pessoas. «Todos nós nos lembramos de alguma coisa do dia 6 de maio.» «Pronto, está bem», responde Toni.

«Na sexta-feira, a minha mãe ia defumar queijo. Na véspera, tive de ir buscar lenha, para que de manhã, no fumeiro, já tudo estivesse pronto. Nesse fim de tarde, não queria sair para ir tratar da lenha. Já nem me lembro porquê. Estava sentado no alpendre, a talhar qualquer coisa em madeira. “Sai e vai buscar madeira”, disse o meu pai, mas eu continuei ali sentado. Mais abaixo, na estrada, havia gente a caminho de casa. Alguém se pôs a assobiar uma canção, acho eu. Os cães da vizinhança uivavam. O meu pai deu-me um calduço. Agarrei no cesto e desci até à cabana onde se guardava a lenha. Não era propriamente uma cabana, apenas um telheiro com um par de postes, umas tábuas e um teto por cima. Era a

própria encosta que fazia as vezes de parede traseira. Uma parede de pedras e terra. Não era tarde, ainda havia claridade. Tirei um cavaco da pilha e eis que, do espaço entre a pilha e a encosta a fazer de parede, sai disparada uma serpente. Era preta e comprida. E decerto tão grossa como o meu braço. A verdade é que eu ainda era uma criança... A erva até produzia estalidos debaixo do corpo da serpente, que desapareceu na direção do rio. Subi a encosta em direção a casa, a gritar que tinha visto uma serpente enorme. “Não acredito em ti”, disse o meu pai. Tive de voltar a descer, sozinho, para ir buscar a lenha e carregar o cesto cheio, sempre à escuta do mínimo ruído. Tudo me parecia sinistro, até mesmo as vozes que ali chegavam, vindas da estrada, o latir dos cães, o cantar dos pássaros.»



No dia 6 de maio, antes de o crepúsculo se instalar, a rocha nua na face sul do cume é banhada por um vermelho-alaranjado, como se a partir de um horizonte mais a oeste, que não é visível, fosse iluminada pelo Sol a pôr-se. Durante alguns instantes, esse brilho lança uma espécie de reflexo na direção das superfícies cobertas de neve, sobre as quais a sombra da noite já quase se abateu por completo.



Nas árvores, os pássaros estão inquietos. À saída da aldeia, Silvia aguarda pelo pai. Põe-se à escuta, a tentar ouvir o ruído de um motor, mas apenas consegue distinguir os trinados breves dos pássaros nas árvores. Um som agitado e invariável, como um telintar. «Aquilo parecia um telim», irá ela dizer.

O céu pesa. Para oeste, os montes afiguram-se indistintos. Como sombras.

«O meu pai tinha prometido que viria para casa numa motorizada», diz Silvia. «Partira na bicicleta do amolador de tesouras, com o vizinho. Isso já fora havia algumas semanas. Depois mandara uma carta, a avisar que regressaria a 6 de maio. Ainda me lembro disso perfeitamente. Tinha conseguido um emprego na fábrica e iria comprar a motorizada, escrevera. Pus-me à escuta, bem atenta aos sons vindos do vale, mas por fim lá o vi chegar. Parecia muito pequeno, via-se que mancava enquanto empurrava a motorizada. Fui ter com ele a correr e até saltei por cima de uma fissura que havia na estrada. Só ao saltar é que me apercebi de que era uma serpente. Tinha sido atropelada. No fundo, já não era serpente nenhuma. Um polme de serpente. Corri para o meu pai, estava radiante por ele ter chegado. Começara a ser sinistro, estar ali sozinha à espera, à saída da aldeia, já estava a cair a noite.»

O pai está muito cansado. Pega em Silvia e poussa-a no assento da motorizada. Acabara-se o combustível. «Esta já teve azar», comenta ele, ao passarem junto à serpente esmagada no chão. Em todo o caso, será assim que Silvia o relatará mais tarde.



Ocasionalmente, a *carbon* é tomada por uma espécie de delírio; morde a cauda e fica paralisada, a formar um anel que pode libertar uma descarga elétrica. É sob essa forma que ela se lança em movimento, o anel a rolar ganha rapidamente velocidade e, entre silvos e zumbidos, avança com ímpeto até um qualquer obstáculo o fazer tombar, a corrente elétrica ser descarregada

e a cabeça da serpente largar a ponta da cauda. A *carbon* jaz então esgotada no chão, como se tivesse realizado um esforço inacreditável, e mal consegue esconder-se e pôr-se em segurança. Nesse estado de esgotamento, após o tal delírio, a serpente apresenta-se vulnerável.



Anselmo tem de ir cedo para a cama, é tempo de aulas. Lá fora, ainda não está escuro, há apenas um lusco-fusco amarelado. Não se ouvem quaisquer andorinhões-pretos, que de resto, ao crepúsculo, andam sempre a esvoaçar em redor dos telhados e da torre da igreja. Em compensação, no pátio, o cão uiva como se estivesse a levar pontapés. Um grupo de músicos chega a casa do vizinho de Anselmo para aí ir ensaiar. Anselmo recorda-se bem: «Puseram-se a afinar os instrumentos, afinaram, afinaram, tocaram alguns acordes, praguejaram, voltaram a afinar, e mal a coisa parecia já estar bem, eis que o contrabaixo soa desacertado. Ou então foi um dos violinos. Os músicos praguejaram, discutiram, mas depois o arco lá atravessou novamente as cordas do contrabaixo; a seguir foi a vez das cordas do primeiro violino, depois as do segundo, e uma vez mais as do contrabaixo, e assim por diante, sempre em círculo, de um lado para o outro, e vice-versa. O canário que estava numa gaiola, na casa mais abaixo, junto à estrada, começou então a cantar e cantar, como se a sua vida dependesse disso, tão alto que também por causa dele os músicos desataram a praguejar. De tempos a tempos, o silêncio instalava-se, estava quase escuro, ficava um silêncio como nunca antes, uma calma bem profunda. De repente, porém, seguiu-se um ribombar, um estremecer, um ranger que

atravessou tudo. Pus-me de pé, olhei pela janela e, com a última réstia de luz do crepúsculo, vi a neve escura a soltar-se do Canin.»

Sisma

Na noite do dia 6 de maio, um terramoto abala aquela região. O chão abre-se, há casas que desabam, pessoas e animais que ficam soterrados sob os escombros, os relógios nas torres das igrejas detêm-se, são nove horas, serpentes pretas escapam-se para o rio, abaixo do cume do monte Canin uma nuvem de neve atravessa a noite e abate-se sobre o vale.

O tremor de terra é consequência de uma deslocação das placas tectónicas. Várias são as palavras empregadas para explicar aquilo que ocorre no final de um dia de três sóis, de cães uivantes, de serpentes *carbon* irrequietas, de pássaros com cantos estridentes. Expressões como «rutura sísmica», «zona de divergência», palavras como «litosfera». Expressões belas, que podemos segurar na mão como se fossem pequenos seres vivos estranhos e já petrificados: «zona epicêntrica», «formação de fendas», «luzes de terramoto», «velocidade de propagação das ondas sísmicas», «linhas isossistas». O tremor de terra tem a «capacidade de alterar o aspeto da superfície terrestre», ouve-se dizer. É mensurável. Medida de acordo com uma escala desenvolvida pelos humanos, a intensidade do abalo de 6 de maio nem sequer foi muito alta. «Essa apreciação está intimamente ligada ao corpo físico, pelo que se tende a ignorar que o planeta poderá até ser medido pelo ser humano, mas não à escala deste», pode ler-se num livro. Em todo o caso, o mundo nunca mais é o mesmo.

Partes isoladas da estrutura rochosa externa da Terra foram afetadas por movimentos bruscos, sacudidelas que lançaram a confusão por toda a parte. Ocorreram deslocações da crosta terrestre e de novo os sobreviventes assustados se deram inevitavelmente conta que vivem numa região de perturbações sísmicas; e mesmo que jamais cheguem a ponto de constatar a presença de flexuras e ruturas na paisagem, de observar as linhas de direção dos estratos e as fissuras radiais, de se interrogar sobre tais observações ou ter consciência de que se encontram à beira de uma zona de subsidência, no meio de uma paisagem de vertentes com acumulação de materiais, ainda assim compreendem, nem que seja ao passar a mão no cabelo para afastar os fragmentos de argamassa e a miuçalha de pedra, que aquilo que acabou de lhes acontecer não é coisa que possa ser apagada ou remediada, até por estar para lá das categorias do bem e do mal.

Perturbações

Qual era o aspeto daquela terra, anteriormente? De um momento para o outro, isso é esquecido e, ao longo dos anos que se seguem, será procurado em sonhos: o semblante dos terrenos de antes das fendas que os rasgaram, de antes dos fragmentos, dos escombros, das marcas de arrastamento. Como era o chão debaixo dos pés, no dia a dia?

O chão da vida quotidiana passa a ser terreno transtornado, no qual cada um procura o que perdeu, a tatear, a observar, a escutar.

Entretanto, nas depressões rodeadas de faias, no sopé do Canin, permanecem firmes os fornos de cal onde era queimada

a pedra branca do leito dos rios e ribeiros, trabalho penoso quase esquecido. O transporte das pedras de calcário, o seu aquecimento pelo fogo, a espera junto ao forno da cal, a cobertura com argila. Madeira e cal, ambas rendimento da escassez, das duas era escorraçada toda e qualquer memória para assim se ganhar o sustento. Lugares de breve domínio do fogo sobre a pedra a que a água deu a forma.

Monte San Simeone

Na confluência dos rios Fella e Tagliamento, próximo de Venzona, ergue-se o monte San Simeone, uma elevação considerável em forma de cone, com encostas cobertas de floresta e arestas verticais rochosas. É a este monte que nas meandrosas, vacilantes e sempre estremecedoras narrativas do terremoto se atribui a origem do *rombo*. Foi debaixo deste, ou «lá dentro», de acordo com os relatos em tom mais corrente, que estrondeou o Orcolat, o monstro do terramoto de 1976. Um ser fabuloso que deixa marcas indeléveis.

Pode ascender-se ao cume do monte San Simeone a partir de duas das suas faces: do íngreme lado rochoso da confluência dos rios ou, de modo mais suave, descrevendo um percurso serpeante a partir do gélido lago di Cavazzo, massa de água de um azul-profundo, vestígio do antigo leito do Tagliamento. Poder-se-á especular acerca das razões para a mudança de curso do rio, já que nada parece ter-se deslocado a ponto de bloquear o fluxo das águas. Uma alteração de humor. Uma atração pelo outro rio, pelo outro vale, por outras rochas, rumo a leste. As razões que movem os rios só deles são conhecidas. Mesmo passados milénios, os leitos abandonados, há muito

tomados pela ocupação humana, são acentuados em manhãs de outono e de inverno por uma fina névoa, um vestígio intangível que os envolve.

O monte San Simeone, incluindo o monstro que se lhe atribui, é emoldurado pelos leitos do Tagliamento, o velho, o novo e o que se une ao Fella. A partir do cimo, virado para oeste, o olhar repousa na superfície lisa do lago mais abaixo, para nordeste avista-se o enorme triângulo de cascalho que se formou na confluência. E constata-se as cores diferentes de cada rio, o Tagliamento branco, não obstante os penedos mais escuros por onde passa, e o Fella de cor turquesa, apesar das rochas calcárias de um branco reluzente sobre as quais flui. Ambos os rios correm para sul, num leito comum, mas sem se misturarem, permanecem turquesa e branco, um junto ao outro, até as cores se perderem sob o efeito da luz e já só a refletirem de modo ofuscante, uma rede de regatos sobre um leito saibroso que se vai expandindo, cada vez mais, um leito que divide o curso oeste do curso leste do Tagliamento.

A vista do lado leste do monte San Simeone debruça-se sobre Venzone, com a catedral reconstruída e a ruína de uma igreja de pedra branca, assim mantida, por perto. Avista-se também o que resta de pequenas localidades próximas do monte e à beira do rio — onde o que o terramoto legou à posteridade está coberto de vegetação —, bem como as novas urbanizações de casas uniformes, que assentam sobre chão supostamente mais firme. Aí, os montes passam para segundo plano. As encostas de material acumulado das morreias prolongam-se, ondulantes, até se aplanarem, dali até ao mar. Por aqui, pelo monte San Simeone, passa uma linha que divide dois tipos de luz, a da montanha, nítida e acutilante, repleta de sombras e azulada, e a da planície, uma luz

mais suave, vibrante, menos umbrosa. Terra de passagem, em dois sentidos. Foram inúmeros os que a atravessaram, que trouxeram, levaram, aprenderam, seguiram adiante. Gente que veio buscar ouro e gente que trouxe vidro, gente com sede de guerra, gente cansada da guerra, gente mutilada pela guerra. Gente exausta, em busca do local apropriado, gente que seguiu o chamamento do peto-verde, que por fim adotou para si mesma o nome deste,² como se assim perdesse a estranheza que lhe era inerente. Puderam desse modo, como por encanto, encontrar uma terra própria, um lugar onde conservassem todas as suas histórias, desde a mítica partida ao lendário momento em que se sedentarizaram. Magotes foram paridos para esses vales pelas contrações desta ou daquela era, avançaram monte acima, sempre com o rio no sentido pensamento, o rio que reclamava o vale como seu e que eles não queriam que se lhes escapasse da memória. Seguindo sempre ao longo do rio, poder-se-ia, se tal fosse necessário, voltar a sair do vale. Aprenderam a viver, a sobreviver, a seguir em frente com a vida, a tudo o que viam atribuíam um nome, nas suas línguas de outras paragens, e cantavam, como pertence, as suas canções em nome dessas outras paragens, em línguas que, assim afastadas e isoladas, definharam e que, não sendo para cantar, já só serviam para validar o facto de terem ido parar àquele vale, à beira daquele rio. Línguas que nomeavam um «nós» numa paisagem que não demonstrava afeto por ninguém e se comportava segundo leis que ninguém vivia o tempo suficiente para conseguir compreender. Avalanches, ribeiros que transportavam lama ou verdadeiras torrentes dela, cada uma das falhas geológicas, fossem elas normais, inversas ou de desligamento, era acompanhada por um profundo e tremebundo suspiro. O suspirar da matéria, sem melancolia.

Strada Statale 13

A Estrada Estatal 13 – *la Pontebbana*, tal como era conhecida antes, mais estreita e com traçado mais acidentado – tem duzentos e vinte e dois quilómetros de comprimento e liga Veneza a Tarvisio. Atravessa o Val Canale, mantém-se junto ao rio Fella e segue o percurso da antiga via Iulia, a estrada dos tempos da Roma imperial que serviu atividades comerciais, migratórias e de conquista. Incurções no desconhecido de ambos os lados, o norte e o sul. No seu trecho montanhoso, a estrada percorre um vale estreito, por vezes até apertado, por vezes encantador, um trilho de riquezas minerais, com entrelaçadas bifurcações que conduzem a terras de caçadores de tesouros. A norte do lugar a que se atribui o epicentro do sismo, a estrada estatal segue hoje à sombra de uma autoestrada, surgida após o terramoto, que corta a meio localidades devidamente inseridas na paisagem envolvente, sítios que outrora mereciam a afeição de todos os viajantes, agora retalhados, isolados, apartados dos movimentos migratórios que, ao longo de tanto tempo e apesar de tantos abalos e comoções, sustentaram e nutriram o vale.

Na confluência do Fella e do Tagliamento, a *Statale 13* larga as montanhas e entra numa paisagem de colinas mais suaves. É uma via de trânsito intenso, tráfego de passagem, um agitado trajeto percorrido por camiões, pontuado por marcas de travagem negras nas faixas de rodagem e cruces nas bermas nos rails de proteção, com flores de plástico empoeiradas, em memória de vítimas de acidentes. Há casernas a alguma distância da estrada cujos parques de estacionamento são grandes como os de uma fábrica. Lojas de recordações com ânforas, anjos em gesso e anões de jardim para turistas de regresso a casa, gente que ruma

a norte, motéis, restaurantes à sombra de encostas mais recuadas, com vista para a terra de ninguém que é a faixa que separa a estrada da margem do rio. No parque de estacionamento de um motel pintado de cor-de-rosa, acumulam-se os camiões. O motel tem um nome pomposo que ostenta uma palavra inglesa mal escrita. Perto do motel há uma bomba de gasolina com um *snack-bar* que serve almoços, sendo a cozinheira também responsável pelo abastecimento de combustível. As pessoas vão ali buscar o seu almoço, por vezes têm de formar uma fila, nunca há mais do que um prato, além de água e vinho. Quando chega um carro para abastecer, o serviço de refeições é interrompido, mas, na verdade, não é coisa que aconteça com frequência. A mulher é alta e magra, e usa as madeixas do cabelo grisalho apanhadas, pela nuca. Chama-se Silvia. Ela própria só come depois de os clientes do *snack-bar* deixarem de aparecer para os almoços: pega então num prato fundo e fica a segurá-lo na mão, encostada à porta, enquanto vai comendo. Pestaneja em reação à luz do Sol. Na estrada, o trânsito vai passando. Alguns camionistas apitam. Ela usa sempre vestido, seja às pintas, às riscas ou com motivos florais: roupas desbotadas de uma outra época. Não fossem os seus vestidos e o motel cor-de-rosa, poder-se-ia observar todo este trecho da estrada estatal como quem vê um filme a preto-e-branco. Quase todos os dias, há um camião com entulho que pára ali na bomba. O motorista desce, ocasionalmente abastece, mas nunca compra comida. Por vezes, detém-se mesmo em frente à mulher, apoia-se com uma das mãos precisamente na ombreira da porta à qual ela está encostada. É essa a postura que, nos filmes antigos, os homens gostam de adotar perante as mulheres, olhando-as de cima para baixo. «Comes sempre de pé?», podia ele estar a perguntar. A mulher limita-se a encolher os ombros. Não responde à pergunta que ele lhe faz,

não lhe propõe ir ver de fatos antigos de algum seu amante já falecido, passado à história, posto a mexer, que ela terá porventura amontoados num quarto das traseiras daquela sua vida de cozinheira e gasolineeira. Leva o prato para o lava-loiça e trata de se ocupar dos seus afazeres, até chegar um novo cliente da bomba de gasolina. O camionista volta a subir para a cabina e segue viagem, rumo a norte. Dirige-se ao depósito de recolha de entulho que fica também situado à beira da Estrada Estatal 13. É essa a sua profissão. A troco de dinheiro, recolhe entulho de obras em toda a região e transporta-o até ao centro de recolha, que, de acordo com um aviso pendurado no portão, se encontra já repleto de destroços de betão, não podendo receber quaisquer outros restos de materiais imperecíveis. Tudo se encontra coberto por um pó grosso, como se fosse uma secreção dos tais destroços. Há sempre uns quantos homens, que envergam fatos-macacos sujos, a vaguear por ali, entre os fragmentos disformes, à espera de alguém conhecido que lhes entregue algum dinheiro para, não obstante o teor do aviso, poderem despejar qualquer coisa atrás do barracão que serve de escritório. Os homens em fato-macaco vão mudando de sítio os fragmentos mais pequenos, para cá e para lá, e reagrupam as pilhas de sanitas, banheiras, lavatórios e bidés entalados uns em cima dos outros. *Inerti* é o elegante nome que tais destroços recebem, pois, familiarizados que estão com a inércia da eternidade, na verdade não se mexem. Não irão decompor-se num período de tempo passível de ser testemunhado por qualquer humano, permanecerão tal qual estão, ali ficarão ao longo de toda a sua esperança de vida infinitamente superior, cobrir-se-ão, se tanto, de musgo, os seus poros e fissuras oferecerão suporte e fixação a pequenas plantas rasteiras pouco exigentes. O motorista do entulho relaciona-se num tom amigável com os homens de fato-macaco, que erguem

a mão para cumprimentá-lo. Chama-se Toni, é uma presença habitual, sempre bem-vinda. A caixa de carga do caminhão é esvaziada e, quando esta bascula e os destroços caem, o ar enche-se de pó. Após a descarga, os homens bebem uma cerveja. Quando o sol não está demasiado quente, sentam-se no exterior, com a garrafa de cerveja na mão, sobre um escombros de betão que se assemelha a um banco e que, do muito uso que lhe é dado pelos traseiros cansados dos homens, não se cobre de musgo nem de plantas rasteiras. Caso chova ou faça muito calor, bebem dentro do barracão, cujas persianas estão completamente tapadas para o lado da estrada. Atrás do terreno coberto de escombros, ergue-se uma encosta rochosa, não muito alta mas bastante íngreme; vê-se nela uma espécie de incisão que resultou de um deslizamento, rochas que se soltaram aquando do terramoto. Os blocos que se desprenderam estão amontoados naquele pedaço de chão estéril, onde outrora pastaram ovelhas, diz-se que no deslizamento das rochas terão sucumbido os animais e o pastor, uma cabana terá ficado soterrada. Desde o tremor de terra que também estas histórias e rumores debruam a estrada estatal, espalham-se sobre os vestígios como plantas rastejantes, não mais do que meros sussurros que, de garrafa de cerveja bem agarrada na mão erguida, podem ser silenciados com um simples movimento do braço.

Leito

Ao longo de um breve trecho do rio, a *Statale 13* segue junto ao Tagliamento, que entretanto já engoliu as águas do Fella. O rio é sobretudo leito, uma paisagem de pedras que se transforma com a subida e descida do nível das águas, com o fluxo e

a infiltração das mesmas, uma terra de fronteira em que hoje se formam ilhas que amanhã estarão erodidas, em que surgem e são arrancados vimeiros com caules estreitos, um leito cujas margens são socavadas, sofrem desgaste, são de novo formadas e ali deixadas, entregues a si mesmas, até serem niveladas, formarem línguas achatadas que se submergem na água, como se procurassem uma nova feição. O leito digere a sua própria história de guerras e nomes que ressoam, com todos os afogados, todos os tombados, os cavalos derrubados, as carroças despedaçadas, os tesouros perdidos e as armas de que se abriu mão, com todos os ossos e projéteis e estilhaços e capacetes e crânios.

Entre os blocos de rocha fragmentada, os seixos e os cacos de vidro, alisados e turvados pelo constante atrito no meio líquido, há pedaços de betão de diferentes tamanhos, encravados uns nos outros, que oferecem resistência à água de um modo diferente do dos restantes materiais sólidos e rochosos que, pouco a pouco, se vão rendendo ao fluxo e aprendendo a querer seguir rumo ao mar. Os blocos de betão são rígidos e inflexíveis, e põem-se de través contra todo e qualquer fluxo. Destacam-se das pedras que se diria terem sido polidas à mão e que encerram marcas e linhas e veios de natureza diferente; buscam a orla, a margem, as angras afastadas da corrente, onde a sua essência, a sua identidade enquanto destroço se faz notar, onde a sua fragmentariedade é mantida e onde conservam o seu carácter testemunhal: das ruturas produzidas pelo sismo, dos restos de casas e quintas e abrigos, sobras removidas que não se prestam a novas serventias. Jovem acrescento ao rio já velho, são os destroços do terramoto.

Em maio e em setembro de 1976, dois violentos tremores de terra abalaram o nordeste de Itália causando grande devastação. Cerca de mil pessoas perderam a vida sob os escombros e dezenas de milhares ficaram sem teto. Muitas outras abandonaram para sempre a sua terra natal, a região de Friuli. A força da catástrofe pode ainda hoje ser medida pela enorme deslocação de materiais e a formação de novos terrenos. Contudo, encontrar as palavras adequadas para descrever o trauma humano, a experiência de uma existência que de súbito se desintegra, é tarefa mais difícil.

Em *Rombo*, distinguido ainda antes da sua publicação com o Prémio Literário W.-G. Sebald, sete mulheres e homens, ainda crianças à época dos acontecimentos, relatam o desastre e as suas consequências. Falam de preságios que precederam os terremotos e da desordem total que se lhes seguiu, da destruição de tudo o que era familiar. Esther Kinsky alterna as suas recordações à descrição da paisagem alpina, criando assim uma narrativa fascinante e quase poética sobre a experiência do medo e da perda, cruzando a memória individual e coletiva com a história natural.

«No romance de Kinsky, a terra fala...»

Financial Times

«A literatura alemã encontrou em Esther Kinsky um autor cujos livros estão repletos de inteligência poética.»

Neue Zürcher Zeitung



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897877469



9 789897 877469 >